REMINISCÊNCIAS ESCOLARES

I — COLÉGIO NOGUEIRA

JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLIVEIRA

Nossas memórias de estudante iniciam-se no Colégio Nogueira, onde nos matriculamos quando atingimos a idade escolar, no caso 5 anos. Ao escolher êsse estabelecimento para seus filhos, por cuja educação jamais se descurou, nosso pai tinha sobradas razões. Tratava-se, inegàvelmente, do educandário mais conceituado daquele tempo e que obedecia à orientação de um professor de nomeada, como era Joaquim da Costa Nogueira.

Não nos lembramos do dia de nossa matrícula, mas acreditamos que nosso genitor tenha dito como o de Raul Pompéia, à porta do Ateneu: "Vão encontrar o mundo. Coragem para a luta".

O Colégio Nogueira funcionava na "General Sampaio", exatamente num dos prédios em que está instalado, hoje, o Q. G. da 10ª R.M. (*) Residíamos também na mesma rua, na qual, em diversas casas, tem morado a nossa família.

Sua sede ficava, pois, a poucos quarteirões de nossa residência, sendo fácil precisar, todos os dias, a hora de nossa saída.

O horário do Colégio era de 11 às 15 horas, ou de 11 às 13 horas, apenas, para os que, como nós, não tinham estada.

Antes de 11 horas, o professor Nogueira, apito à bôca, dava o sinal para os alunos entrarem em forma, obedecendo à ordem de "ano" e de classificação do mês.

Às 11 horas, precisamente, os cursos dirigiam-se, um por um, para os seus salões, em cujas carteiras os educandos se sentavam de acôrdo com os lugares obtidos na última colocação mensal.

O professor, à sua mesa, procedia à chamada, fazendo-a com um "crayon" numa lousa, na qual, além das faltas, assinalava os graus dos exercícios feitos em casa, os erros dos alunos em cada disciplina e, em função dêstes, suas respectivas médias. Estas eram transferidas,

(*) *Depois sede do SESI.*

depois, a tinta, para um livro geral, somadas semanalmente e no último dia de cada mês, quando se extraíam, então, as médias mensais — os pontos divididos pelos dias letivos — e se dava a colocação, de que os pais tinham conhecimento por meio dos boletins.

Começavam as aulas, geralmente, com as lições de Português ou Aritmética, seguindo-se as de Geografia, História do Brasil, Ciências Físicas e Naturais, Civilidade, Instrução Moral e Cívica ou Civilidade.

Terminadas a leitura e a interpretação do trecho marcado, realizavam-se os questionários entre os alunos, ora feitos por êles mesmos ora pelos mestres e, às vêzes, pelo diretor.

Constituíam verdadeiras aulas práticas, às quais o prof. Nogueira procurava imprimir o seu método, que se resumia em "ensinar não muito, mas ensinar bem", como numa antevisão dos modernos processos de ensino.

Os alunos aprendiam, assim, a formular suas perguntas, que eram dirigidas ou a um colega, em forma de duelo, ou à própria turma.

Recordamo-nos de várias questões que nos foram feitas pelos nossos companheiros, cuja sagacidade se revelava à medida que íamos errando.

Os ditados não eram apenas extraídos dos livros de leitura (as célebres 15 primeiras linhas), mas versavam também sôbre palavras escolhidas por nós e que tinham ortografia mais complicada.

Uma feita, o exercício de sinonímia constou da procura, no dicionário de Cândido Figueiredo, dos vocábulos que desconhecíamos e que, então, nos levaram ao êrro.

As aulas de Aritmética, sobretudo as de Baralho Aritmético, assumiam particular importância para o prof. Nogueira, que tinha predileção especial pelos cálculos mentais. Era autor de um Baralho Aritmético para diversos graus, o qual fêz época naquele tempo, não tendo sido, porém, bem compreendido entre nós. Assim é que, ao que nos consta, nunca foi oficializado pelas nossas autoridades educacionais nem adotado pelos demais estabelecimentos. No entanto, o Baralho parece-nos de muita utilidade para qualquer curso primário, pois não é pròpriamente uma tabuada e sim uma miscelânia de conhecimentos aritméticos. Os alunos ressêntem-se, hoje, via de regra, da falta de presteza nos cálculos, o que lhes dificulta de muito a realização de qualquer operação.

Não havia intervalos de uma aula para outra, sendo que, às 12 horas em ponto, o diretor apitava. Professor e alunos, indistintamente, se erguiam e rezavam uma Ave-Maria.

Terminada a prece, iniciavam-se as segundas aulas, que eram de Geografia, História, Ciências, Instrução Moral e Cívica ou Civilidade, sendo utilizado, para tal, o Ano Escolar do prof. Nogueira.

O ensino de Geografia tinha o maior e melhor proveito para nós,

porque não se limitava à fastidiosa decoração de dados estatísticos e de acidentes geográficos. Eram apresentados, para serem reconhecidos pelos alunos, mapas dos Estados do Brasil, dos países da América e dos continentes. Assim, quando eram mostradas as cartas corográficas e se achava presente o diretor, êle se referia às particularidades de sua forma: o Maranhão parece-se com um bacalhau, o Piauí com u'a meia e o Rio Grande do Sul com um balão. Talvez pelo seu acentuado espírito regionalista, o provecto educador dava ao Ceará um formato poético: a "Terra da Luz" assemelha-se a um coração. Quanto ao Brasil, que os alunos achavam parecido com um presunto, êle dizia ser semelhante a uma harpa, traindo assim seus acurados sentimentos de patriotismo.

Nas cartas, os alunos indicavam os limites, as serras, os rios, os acidentes do litoral, a capital, as cidades principais, as vias de comunicações, determinavam as coordenadas, avaliavam as distâncias, servindo-se das escalas, aprendiam, enfim, a ler o mapa.

Já as aulas de História não nos despertavam o menor interêsse, apesar do empenho que sempre tivemos de conhecer o passado de nossa pátria. Quando decorria uma data histórica, o professor Nogueira mandava que nós nos congratulássemos com êle ou com as autoridades a que o fato estivesse diretamente relacionado, por meio de cartões ou de telegramas. À passagem de outras efemérides, realizavam-se sessões solenes, em que se faziam ouvir, em declamações e em discursos, membros dos corpos docente e discente.

As lições de Ciências, Civilidade ou Instrução Moral e Cívica, por sua vez, se nos afiguravam desinteressantes, talvez pelo caráter decorativo de que se revestiam e por sermos ciosos de nossa memória.

Havia notas diàriamente, em tôdas as disciplinas, inclusive em caligrafia e trabalhos escritos, extraindo-se a média do dia, que servia de base, quando não a do comportamento, para a saída dos alunos.

Realizavam-se, em tôdas as aulas, verdadeiros testes orais, pois as perguntas se sucediam rápidas até chegarem ao último colocado na classe, quando se completava o que chamávamos, na nossa gíria escolar, uma *rodada*. Se o aluno errava, o professor passava adiante, marcando os erros na "pedra", o que fazia com um *crayon* e por meio de traços. O valor dêstes era proporcional ao número de rodadas, que o professor registrava cuidadosamente e que, quase sempre, chegavam a cinco ou a dez, tornando-se fácil, destarte, a atribuição de notas diárias a tôda a classe. O aluno sabia, desde logo, quanto valia cada resposta certa: se 10 rodadas, 1 ponto; se apenas 5, 2 pontos. Nas argüições a que comparecia o diretor, a marcação tomava aspectos sensacionais, com sua maneira característica de assinalar o êrro: "Pau nêle! Pau nêle".

Ao matricular-se, o aluno recebia, no Banco Escolar José No-

gueira, mantido pelo estabelecimento e inventado pelo saudoso mestre, em homenagem à memória de seu filho, que foi professor do Instituto de Humanidades, mais tarde Colégio Nogueira, certa quantidade de moeda escolar. O recebimento desta renovava-se todos os meses e dependia do pagamento da mensalidade, havendo pais que, assediados pelos filhos, se apressavam em fazê-lo, a fim de não prejudicá-los na sua "quota", que diminuía à medida do seu atraso com a tesouraria.

Findas as aulas, o aluno pagava tantas "chapas" quantos pontos lhe faltassem para tirar 10 em tôdas as disciplinas.

No primeiro dia letivo de cada mês processava-se, geralmente, a colocação, sendo assistida pelo diretor, que felicitava os três primeiros colocados. Os "líderes", quando conservavam seus lugares, recebiam dos demais uma chapa e os alunos que passavam à frente dos outros cobravam dêstes duas chapas. Verificava-se, muitas vêzes, o caso de "baixas" tão consideráveis que as "vítimas" perdiam, de entrada, sua "riqueza".

Para felicidade nossa, nunca fomos dos primeiros nem dos últimos, ocupando lugares intermediários, cuja posição melhorávamos gradativamente.

Aos sábados, os alunos não pagavam chapas ao Banco Escolar José Nogueira, mas aos próprios colegas.

Eram os dias das célebres sabatinas que se constituíam, aliás, o assunto dominante de tôda a semana. Os alunos aguardavam-nas com a maior ansiedade, visto como, além do cabedal de conhecimentos que adquiriam, tinham ocasião de refazer-se dos prejuízos porventura sofridos nas pugnas anteriores ou de aumentar seus "lucros".

Quando um colega passava quinau no outro, recebia dêste uma chapa e lhe tomava o lugar. Os alunos ficavam em fileira, de modo que, ao terminar a "parada de inteligência", o primeiro era, de fato, o que obtinha melhor nota. Tornavam-se, por isso mesmo, muito raros os "sopros", sabido que os alunos lucravam mais com os erros do que com as respostas certas de seus colegas.

As revisões de Português versavam, geralmente, sôbre a parte da Gramática existente no Ano Escolar, de que o professor Nogueira era autor. Às vêzes, os alunos saíam de forma para dirigir perguntas à turma, mas não temos notícias de que houvesse combinação prévia entre êles. Quando se verificava o caso de todos errarem, o argüente dava a resposta e, no caso de também não saber, levava então dois erros e pagava dobrado a cada um dêles.

As argüições de Aritmética constavam, obrigatòriamente, de Cálculos Mentais, que eram o tema predileto do velho mestre. O professor tirava as questões do Baralho Aritmético, de autoria do diretor, cujas cartas eram preenchidas pelos alunos.

Existia ainda, para os primeiros anos, um Quadro Aritmético or-

ganizado por êle, contendo todos os algarismos, dispostos, sem repetição, em colunas horizontais e verticais. Os alunos faziam operações, que primavam pela ligeireza, com os números simples, realizando-as num e noutro sentido, de cima para baixo, de baixo para cima, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Somavam também de 2 em 2, de 3 em 3, de 4 em 4, de 5 em 5 etc..., havendo alunos que punham as mãos para trás, escondendo-as, a fim de poderem contar com os dedos.

Seu Nogueira gostava de assistir às aulas em que eram aplicados seus métodos de ensino. Estamos a vê-lo — pé batendo contìnuamente no solo — na presidência de uma dessas bancas. Era mestre em fazer perguntas e em tecer comentários sôbre os alunos.

Adquirimos rapidez de cálculos e presteza de raciocínio à custa dessas argüições. Com que saudades as evocamos, agora que já não temos mais êsse poder de calcular! Revemo-nos aplicando as regras que aprendemos ou as que tínhamos a ilusão (doce ilusão...) de supor que inventávamos...

Assistindo a uma aula, o professor Nogueira tornava-a movimentada, tais os processos que usava. Para tudo, tinha uma expressão adequada, como apresentava, da mesma forma, hábitos que lhe eram peculiares.

ótimo desenhista, talvez possuísse, também, tendência para a escultura, visto como o víamos, constantemente, amolgando massas de miolo de pão. Fazia bolinhas, que costumava jogar, durante as aulas a que comparecia, sôbre os alunos que não estavam atentos à explicação. Quantas vêzes nossos colegas não foram visados pela mão certeira e hábil do saudoso mestre!

Mantinha sempre perto de si uma caixa de utilidades, em que dispunha, separadamente, os cigarros, os charutos e vários objetos de seu uso particular. Fumava muito, principalmente charutos, cujas pontas êle cortava com um aparelho apropriado. Aspirava um calmante para os nervos, pois o venerando preceptor só os podia ter muito abalados, pelo longo exercício no magistério. Ademais, em 1914, fôra assassinado, em plena mocidade, quando se lhe descortinava brilhante futuro, o único filho que tinha. Desde então até sua morte, ocorrida em 1935, conservou-se de luto fechado, havendo deixado a barba crescer, embora a mantivesse muito asseada. Cofiava-a freqüentemente, quer com as mãos, quer com um pente, que êle levava, também, aos cabelos, cortados à escovinha.

No Colégio vestia um *dolman* cinzento e usava, em alguns dias, um boné quase da mesma côr.

Outro hábito seu era só beber água em copo de barro.

Criava vários meninos, que o atendiam prontamente. Não admitia que, ao chamá-los, êles o tratassem de "senhor". Isso — protestava êle

— só no tempo da escravidão. Os garotos tinham de responder-lhe: "Seu Nogueira".

Não gostava de apertar a mão das pessoas. Correspondia ao cumprimento, fazendo-o gentil e respeitosamente.

Era célebre, no Colégio Nogueira, o Livro de Partes, em que se registravam, diàriamente, tôdas as queixas contra os alunos. Além de redigi-las, os professôres apunham na Caderneta de Notas, ao lado da média, uma estrêla. Esta servia para rebaixar, quando da determinação da média mensal, a nota do comportamento. O diretor considerava-os "estrelados", mas sua classificação, atualmente, não teria mais razão de ser. Estrêla, já hoje, é galardão, é artista de cinema, é título ambicionado...

No Colégio Nogueira aplicavam-se vários castigos, dos quais o mais conhecido era a *esfrega*. Tornou-se característico do estabelecimento, pois não nos consta que outro diretor o tenha usado àquela época ou, mesmo, posteriormente. Seu Nogueira passava as mãos, com violência, nas orelhas dos "insubordinados", as quais, quase sempre, ficavam vermelhíssimas. Ai dos que tivessem sangue nas têmporas, porque não suportariam, resignadamente, tamanha afronta! Havia alunos, entretanto, tão acostumados com essas esfregas que não as sentiam mais nem física nem moralmente, o que era pior.

Penduradas nas paredes, constituiam-se terríveis ameaças, verdadeiras espadas de Dâmocles, as palmatórias exibidas no estabelecimento. Felizmente, já estavam fora de moda êsses "instrumentos de disciplina", que tinham sido o terror da escola antiga. As mãos não mais se estiravam para o bôlo, estendiam-se para o pagamento das chapas aos colegas que nos passavam quinaus. Os colégios começavam a apresentar seu aspecto atual, abolindo os castigos físicos e adotando o respeito à personalidade da criança. Apesar disso, uma palmatória chegou, até, a ser presente de um pai de aluno, que reconhecia nela o único "remédio" para seu filho.

Pode usá-la, — lembramo-nos muito bem de suas palavras ao diretor — que para êsse menino não há mais jeito, não.

Outra penalidade muito comum era a colocação dos indisciplinados em pé, aos cantos, no salão de aulas ou, então, de joelhos, no pátio de recreio.

O espírito engenhoso dos alunos criava uma cafua, que afirmavam existir nos porões do estabelecimento. Quando o "prêso" tinha muito "cartaz", inventavam-se histórias sôbre sua fuga, a que se emprestavam feições rocambolescas. Pura imaginação infantil, que se comprazia com essas aventuras tão do gôsto da meninada de ontem e de hoje, de todos os tempos, enfim...

As penas mais brandas consistiam no retardamento da saída, que

se processava comumente, de acôrdo com a média do dia ou com a nota do comportamento.

As reincidências eram severamente punidas, ficando suspenso o aluno até que seu genitor comparecesse à diretoria. Teria então um entendimento com o prof. Nogueira, cuja fama de severidade era conhecida em todo o Estado. Por isso mesmo, os pais que não podiam com seus filhos procuravam, acertadamente, o Colégio Nogueira. Triste notoriedade essa, que deu ao estabelecimento alunos dos mais vadios, para suplício do velho educador!

(Publicado em "O POVO", de Fortaleza, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1948.)